

Relações raciais e suas variâncias: efeitos sociais de gênero nas classificações raciais e percepções sobre discriminação

Susi Anny Veloso Resende
Mestrando em Sociologia e Antropologia/UFRJ
susi_anny@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo tem como proposta trabalhar sobre as diferentes percepções das relações raciais brasileiras a partir de um recorte de gênero. A partir de um conjunto de leituras preliminares realizadas sobre a questão racial tendo como interseccionalidade o gênero, pretendo entender como as mulheres possuem diferentes vivências das relações raciais a partir de aspectos relacionados à identidade e percepção de preconceito e discriminação racial. Apesar de não ter se empenhado na etnografia de grupos este trabalho busca a partir de dados nacionais entender como a relação entre gênero e identidade racial influencia nas percepções de discriminação e preconceito racial. Analiso dados preliminares da pesquisa nacional sobre raça, realizado em 2008 pelo Instituto Datafolha. “O racismo confrontado”, pesquisa que buscou entender de que forma os brasileiros entendem raça e de que forma os indivíduos mobilizam raça dentro de contextos sociais variados. As identidades em relação à cor/ raça mudam a partir dos papéis sociais que temos em nossa sociedade. Assim, se perceber dentro de uma identidade de gênero específica pode vir a influenciar os tipos de relações raciais que as pessoas possuem. Dentro do contexto brasileiro existem diferenças entre brancos/as e pretos/as, bem como diferenças entre homens e mulheres no que se refere a barreiras sociais, ocasionando diferenças nas formas de identidade e percepção sobre as relações raciais. O entendimento de classificação racial e com isso o direcionamento de discriminação e preconceito racial possuem relação com os tipos de experiências sociais vivenciadas pelos indivíduos, sendo estas experiências marcadas pelo também pelo fato de ser considerado homem ou mulher. A manifestação das relações raciais envolvem portanto questões históricas, culturais, políticas e econômicas em que o processos de percepções da realidade racial mudam de acordo com o contexto. Para preencher essa lacuna, esse artigo pretende entender de que maneira as diferenças de gênero influenciam nas dinâmicas das relações raciais brasileiras.

Palavras-chave: relações raciais e de gênero; raça e percepção racial;

Introdução

O Brasil possui um conjunto de características que o definem como uma unidade social e política. Ao mesmo tempo existem diferentes variáveis que o tornam heterogêneo: tanto os dados socioeconômicos como as variedades culturais ilustram claras diferenças e desigualdades. Seja por composição social, por estilo cultural, sotaque, desenvolvimento social e outras variáveis, percebemos que um olhar mais detalhado sobre o Brasil e suas diferenças é importante para a compreensão das questões sociais brasileiras. Além dessas diferenças, não podemos deixar de fora o conjunto de relações sociais que colocam homens e mulheres de forma diferenciada em nossa sociedade. O presente artigo tem como objetivo trabalhar a relação entre gênero e relações raciais no Brasil. Acredito que as identidades em relação a cor/ raça mudam a partir dos papéis sociais que temos em nossa sociedade. Assim, se perceber dentro de uma identidade de gênero específica pode vir a influenciar os tipos de relações raciais que as pessoas possuem. O entendimento de classificação racial e com isso o direcionamento de discriminação e preconceito racial possuem relação com os tipos de experiências sociais vivenciadas pelos indivíduos, sendo estas experiências marcadas pelo fato de ser homem ou ser mulher na sociedade.

Em sua obra *O significado da raça na sociedade brasileira* Telles (2012), apesar de também buscar compreender as relações raciais no Brasil como um todo, ressalta a questão a importância de no Brasil se levar em questão as diferentes formações sociais que existem a partir de um recorte de gênero:

A literatura sobre classificação racial no Brasil geralmente enfatiza os efeitos da classe ou do *status* social sobre o embranquecimento, mas quase não aborda outras variáveis como região e gênero. Há pouco ou nenhum trabalho sobre as diferenças regionais na classificação racial, porque, normalmente, os estudos empíricos tendem a ser concentrados em apenas um local. Além disso, é notório que os efeitos do gênero têm estado ausentes nos estudos sobre classificação racial e apenas recentemente a idade tem se tornado uma variável importante nesses mesmos estudos. (TELLES, p.78, 2012).

Assim o autor destaca em seus estudos que no Brasil existem percepções de classificação que são diferenciadas a partir do gênero e região sendo estas classificações pouco estudadas. A necessidade de no Brasil termos estudos que consigam lidar com esses aspectos das relações raciais é importante para o melhor entender de que maneira

os efeitos de gênero e região por exemplo tem sobre não só na classificação racial como também nas vivências relacionadas ao racismo e a discriminação racial.

Segundo Telles (2012) o uso da categoria “preto” por exemplo, parece ter um recorte de gênero forte em que mulheres que se classificam como pretas e possuem alta escolaridade só são classificadas assim pelos entrevistadores em 28% dos casos em São Paulo e de apenas 22% na Bahia. Aí se demonstra tanto uma questão de gênero como também uma questão regional já que os mesmos dados para os homens são de 70% e 62% respectivamente. A tabela abaixo ilustra o argumento do autor:

Tabela 1: Propensão de ser classificado por entrevistadores na mesma categoria de Auto-classificação – Brancos, Pardos e Pretos por escolaridade e Região:

	<i>Auto-Classificação</i>					
	<i>Brancos</i>		<i>Pardos</i>		<i>Pretos</i>	
	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
Baixa Escolaridade:						
Bahia ¹	65	69	76	79	52	42
São Paulo ²	87	88	65	69	60	50
Alta Escolaridade:						
Bahia	93	94	69	72	62	22
São Paulo	98	98	56	58	70	28

Fonte: Simulação baseada na pesquisa DataFolha de 1995 para o Brasil, apresentada em Telles 2002.

¹ Áreas urbanas com 25% da população branca.

² Áreas urbanas com cerca de 75% da população branca.

De acordo com o que vemos na tabela, 93% (homens) ou 94% (mulheres) brancas e de alta escolaridade se autotransformaram como brancos de forma consistente na Bahia; Em São Paulo essa taxa é de 98% para ambos os sexos. Quanto às pessoas de baixa escolaridade percebemos que o nível de consistência entre a autotransformação e a heterotransformação é bem menor em relação a categoria branca. Quando vemos as mulheres e os homens pretos de baixa escolaridade temos uma consistência menor ainda. Isso pode indicar até uma ideia de branqueamento, em que quando se aumenta o status social a pessoa pode ter sido classificada de forma distinta. As mulheres pretas de alta escolaridade que são classificadas de forma bem menos consistente se comparadas com as mulheres pretas de baixa escolaridade. Com pardos e pretos percebemos que o padrão muda e que os indivíduos que possuem alta e baixa

escolaridade possuem uma consistência muito menor que a dos brancos. Em São Paulo, por exemplo a consistência entre a autotransclassificação e a heterotransclassificação é menor entre os pardos com mais escolaridade do que entre os pardos de baixa escolaridade. Isso pode indicar até uma ideia de branqueamento, em que quando se aumenta o status social a pessoa pode ter sido classificada de forma distinta. Isso é destacado pelo autor ao analisar o resultado das mulheres pretas de alta escolaridade que são classificadas de forma bem menos consistente se comparadas com as mulheres pretas de baixa escolaridade. Essas diferenças indicam, segundo Telles, questões regionais, de gênero e escolaridade que devem ser levadas em consideração. Nesse artigo focarei nas questões relacionadas ao gênero.

Guimarães (1999) ao falar sobre racismo e antirracismo aponta para diferentes questões sociais relacionadas à raça. A primeira questão que o autor defende ao trabalhar com o conceito de raça é entender este termo como existindo dentro de um conjunto de relações sociais que dão significados a palavra. Mesmo que biologicamente a existência de diferentes tipos de raças humanas já tenha sido deixado de lado, raça continua em nossa sociedade mantendo relações desiguais entre os indivíduos. O termo raça seria utilizado a partir de uma abordagem sociológica compreendendo que a sociedade cria relações sociais que utilizam a raça como construtor de significados que mobilizam um conjunto de ações intencionais. Em seu livro *Racismo e antirracismo* o autor procura mostrar três processos históricos do racismo no Brasil: processo de formação do Brasil como nação, o cruzamento das ideias de raça junto a outros conceitos como classe, status e gênero; e por fim o momento de transformações socioeconômicas e seus efeitos regionais. Para Guimarães no Brasil temos uma formação social que não quer se apresentar como tendo uma formação racial já que raça no Brasil sempre foi visto como um tabu em que é a cor que toma o lugar de raça. Dessa forma, o conceito de raça no Brasil estaria ligada a ideia de cor como forma de hierarquização em nossa sociedade:

Ora, a noção nativa de "cor" é falsa, pois só é possível conceber-se a "cor" como um fenômeno natural se supusermos que a aparência física e os traços fenotípicos são fatos objetivos, biológicos, e neutros com referência aos valores que orientam a nossa percepção. É desse modo que a "cor", no Brasil, funciona como uma imagem figurada de raça. (GUIMARÃES, p.46, 1999).

Isso traz implicações sociais importantes em que a percepção de cor pode variar de acordo com os mais variados contextos sociais. No Brasil o autor ainda destaca que o tipo de racismo existente é um racismo que procura negar a ideia de raça e com isso a ideia de diferenciações sociais a partir da ideia de raça. Teríamos uma ideia universalista da sociedade em que todos seriam iguais em que a ideia da existência de racismo em nossa sociedade é negada. No Brasil ser racista é simplesmente aceitar a ideia de raça ou a ideia de racismo.

Em destaque importante para esse artigo coloco a questão do gênero dentro do processo de formação racial brasileira. As distancias sociais que criamos a partir da ideia de diferentes raças possuem pesos diferentes dentro do contexto social em que homens e mulheres são vistos de forma diferencia em nossa sociedade.

Angela Davis, em seu livro *Mulher, raça e classe* (1981) vai destacar a especificidade da mulher negra na sociedade norte-americana. Primeiramente a autora ao perceber a escassa literatura sobre a história das mulheres negras na época da escravatura, propõe-se a estudar tal assunto. A autora defendia que as mulheres negras possuíam uma especificidade dentro de uma sociedade que era dividida em classe, cor e também gênero.

O ponto importante destacado por Davis ao fazer a história da mulher negra escrava é de que esta não é vista primeiramente como mulher, mas sim como força de trabalho e como reprodutora da força de trabalho. Assim desde o começo a percepção da mulher negra dentro do universo feminino sempre foi adiada devido as condições sociais quais elas passaram. Ou seja dentro do conjunto de opressões vividas por negros dentro de uma sociedade racista e o conjunto de opressões vividas pelas mulheres na sociedade machista a mulheres negras tinham uma posição dentro de uma hierarquia social em que durante muito tempo fora negada sua voz dentro das relações raciais como também dentro das relações de gênero. Davis, ao falar sobre como a luta feminista e a luta contra o racismo sempre deixavam de lado a especificidade da mulher negra argumenta que existia um antagonismos do movimento negro e do movimento feminista no momento de luta por direitos civis dentro do contexto norte americano, por exemplo. Assim dentro do espaço político as mulheres negras nunca tiveram segundo a autora um protagonismo por sofrerem tanto a discriminação racial dentro dos movimentos feministas, como sofreram machismo dentro do movimento negro. Para a autora haveria uma necessidade de junção dos movimentos de classe, de raça e de gênero.

A manifestação das relações raciais envolvem portanto questões históricas, culturais, políticas e econômicas em que o processos de percepções da realidade racial mudam de acordo com o contexto. Para preencher essa lacuna, esse artigo pretende entender de que maneira as diferenças de gênero influenciam nas dinâmicas das relações raciais brasileiras. Proponho entender de que maneira a identificação racial e o significado dessas identificações mudam de acordo com o gênero e com os contextos regionais. A seguir analiso um conjunto de dados que mostram como a identificação em uma cor/raça varia de acordo com gênero no país.

1. Efeitos sociais nas classificações raciais

Como já foi dito acima o conjunto das relações raciais no Brasil não podem ser descritas a partir de grandes generalizações sem que levem o conjunto de características sociais que fragmentam as relações sociais no país. Nesse parte do artigo trarei um conjunto de dados sociais que demonstram de que maneira no Brasil raça e gênero quando trabalhados de forma conjunta evidenciam estratificações sociais relacionados a renda, escolaridade e acesso a bens básicos. Estudos como os de (mostrar dados que demonstram as condições de vida das mulheres e as diferenças destas com os homens e das diferenças entre mulher branca e mulher negra.

1.1. Diferenças de gênero¹ e raça

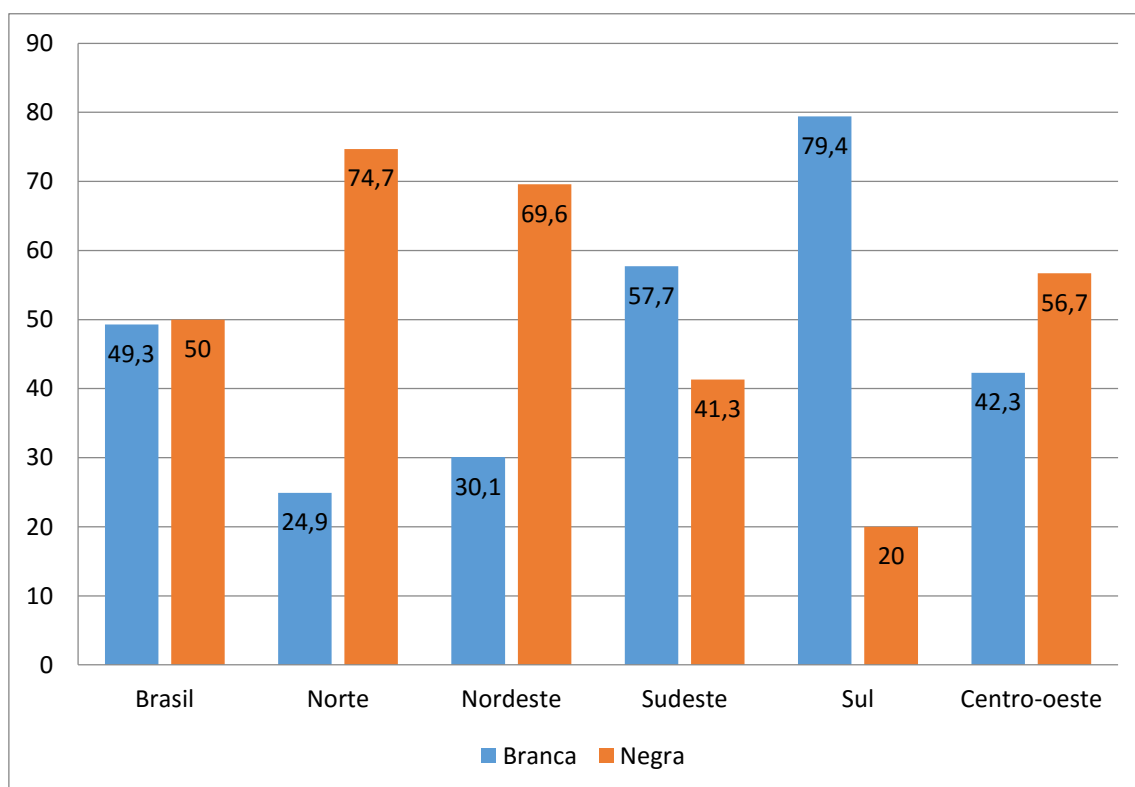
Nessa parte do artigo me debruço sobre as diferenças socioeconômicas das mulheres e dos homens. Mais especificamente, trarei aqui também um conjunto de dados que procuram mostrar de que maneira a intersecção entre raça/cor e gênero nos colocam esterificações em nossa sociedade que hierarquizam os indivíduos dentro de uma escala de condições de vida. Trago aqui nessa parte uma análise secundária de dados da Síntese de Indicadores Sociais realizado em 2012 e também trago com fonte o Dossiê Mulheres Negras - retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil realizado pelo Ipea² no ano de 2013.

¹ Considero aqui gênero e sexo como iguais a partir das classificações obtidas pelos dados das pesquisas que utilizo nesse artigo. Dessa forma me deterei em sexo e gênero a partir de duas categorias: feminino e masculino.

² IPEA: Instituto de pesquisa econômica aplicada.

Especificamente falando, temos os dados sobre as mulheres negras que mostram sua posição social diante do conjunto de fatores sociais que estratificam a nossa sociedade. Dentro do conjunto de dados do Dossiê de Mulheres negras se tem que a maioria das mulher negras (pretas e pardas, de acordo com a classificação do IBGE) se encontram nas regiões Norte e Nordeste. De acordo com os dados da população feminina do Norte do país 74,7% são negras e no Nordeste essa proporção é de 69,9%:

Gráfico 1: Distribuição de mulheres, segundo a raça/cor – Brasil (2009)- (Em %)

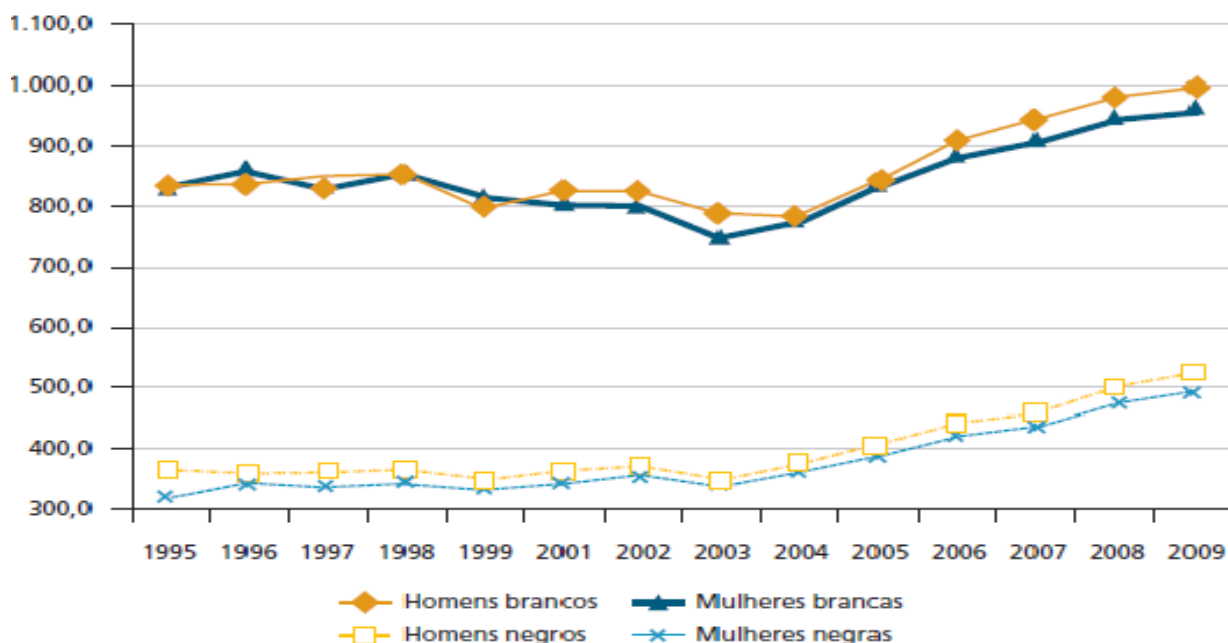


Fonte: Ipea (2011).

Elaboração: Dossiê Mulheres Negras - retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil.

A proposta principal dessa parte do artigo é trazer diferenças de gênero que também levem em consideração a questão da identidade de cor/raça. A tabela a seguir mostra como está no país o rendimento domiciliar per capita médio por sexo, cor/raça em uma perspectiva temporal:

Gráfico 2: Rendimento domiciliar per capita médio por sexo, cor/raça dos chefes de família- Brasil (1995-2009) – (Em R\$):



Fonte: Ipea (2011).

Elaboração: Dossiê Mulheres Negras - retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil.

O que se pode perceber com esses dados é que são as famílias chefiadas por mulheres negras que possuem os piores rendimentos se comparada com todas as classificações demonstradas no gráfico. Isso demonstra que o local social que as mulheres negras chefes de família em nossa sociedade, apesar de ter melhorado, ainda se encontra no nível mais baixo.

A partir da intersecção dos dados fica evidente de que forma o racismo e as relações desiguais de gênero se perpetuam na sociedade a partir de dados como o de renda e de educação.

Dados do IPEA mostram que na taxa de escolarização por nível de ensino no Brasil no ano de 2003 quanto mais se aumenta o grau de ensino as taxas de escolarização diminuem. As mulheres de modo geral, possuem uma educação melhor do que a dos homens, porém isso não se reflete em uma melhor inserção no mercado de trabalho. Outro dado importante são os dados das mulheres negras que possuem a menor taxa de escolarização quando comparadas aos homens e mulheres brancas:

Tabela 2: Taxa de escolarização líquida por nível de ensino, segundo cor/raça e sexo - Brasil, 2003 - IPEA³(%)

	<i>Homem brancos</i>	<i>Mulher branca</i>	<i>Homem negro</i>	<i>Mulher negra</i>
<i>Educação Infantil</i>	34,4%	35,5%	32,2%	33,1%
<i>Ensino Fundamental</i>	94,8%	95,2%	92,2%	93,3%
<i>Ensino Médio</i>	49,5%	60,1%	27,9%	36,3%
<i>Ensino Superior</i>	14,9%	18,2%	3,7%	5,2%

Fonte: Ipea (2003).

Elaboração: Retrato das desigualdades gênero raça no Brasil. IPEA. 2003

Segundo ainda os dados do IPEA 2003, temos que a taxa de desemprego é menor entre as mulheres de modo geral: as mulheres negras estão mais desempregadas tendo uma taxa de 16,6%, seguida pelas mulheres brancas que chegam a taxa de 13,3%. Os homens no entanto, possuem as seguintes taxas: homens negros 9,9% e os homens brancos 8,3%. A pesquisa Síntese de Indicadores Sociais realizados em 2012 mostram que as mulheres apesar de possuírem mais anos de estudos, não conseguem ter o mesmo rendimento se comparado ao dos homens com a mesma qualificação. Segundo os dados a medida em que se avança nos anos de estudos aumentam as diferenças de rendimento. Outros dados apontam também a diferença de gênero relacionada com a raça/cor. Telles (2012) ao trabalhar sobre o significado da raça em nossa sociedade, afirma que em relação aos casamentos e relacionamentos amorosos, são as pretas que permanecem mais solteiras se comparadas as mulheres brancas e se comparadas aos homens de forma geral. Segundo o autor, essa desproporção viria da hierarquia racial brasileira que colocaria a mulher preta na última escolha matrimonial se relacionada com as mulheres brancas e pardas:

³ Retrato das desigualdades de gênero e raça, no ano de 2003. IPEA. Disponível em: < <http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraeducacao.pdf> >.

Esta parece ser a razão da grande probabilidade que as mulheres pretas têm de permanecer solteiras por toda a vida, ou de se casarem mais tarde¹³. Segundo Goldani (1989), as mulheres brancas passam 65% de suas vidas adultas em relações matrimoniais, mulheres pardas 59% e mulheres pretas 50%. Como as diferenças na mortalidade por gênero determinam um número de mulheres em idade adulta maior do que o de homens, há maior probabilidade das mulheres permanecerem solteiras. O ônus deste déficit masculino nos casamentos é transferido para as mulheres negras através das hierarquias raciais brasileiras. A hierarquia racial no Brasil permite que mulheres brancas e pardas supram a falta de homens disponíveis casando-se com homens de pele mais escura e, por sua vez, cria uma escassez de homens pretos disponíveis para as mulheres pretas. (TELLES, p.158, 2012).

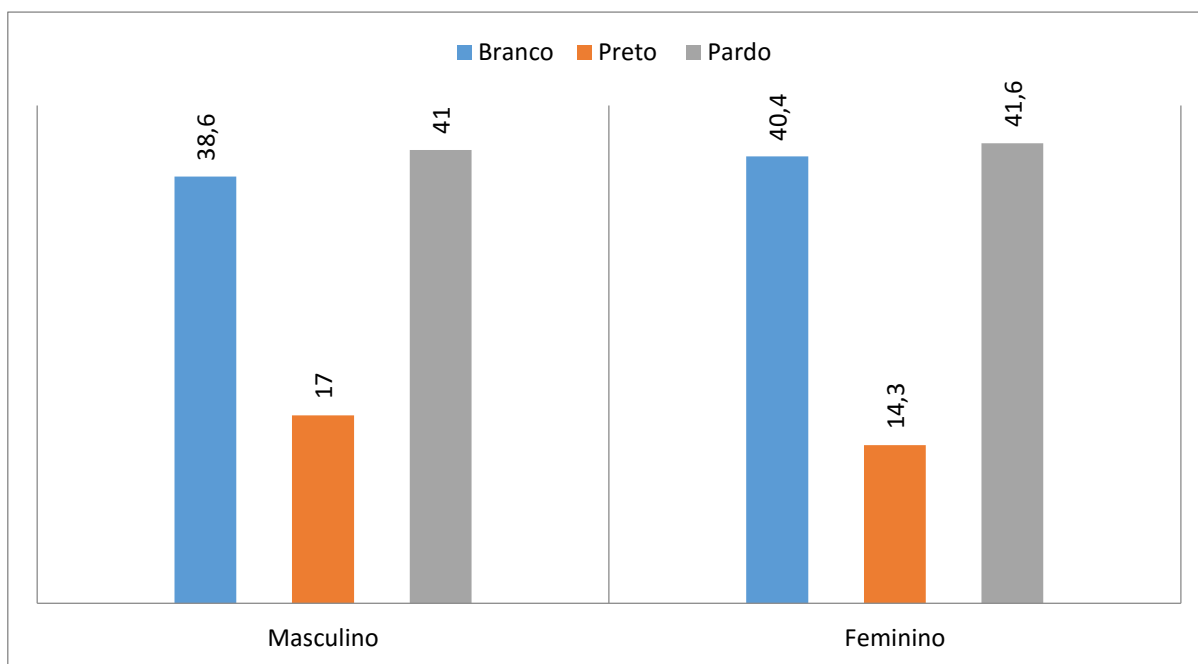
A posição social da mulher negra define muito suas percepções sobre cor, raça, discriminação e preconceito racial. Acredito que as diferentes identidade de gênero e raça influenciam a forma como as pessoas constroem suas percepções sobre cor e raça. A seguir trago os dados que analisei sobre raça e gênero. Analiso perguntas sobre classificação de cor/raça e perguntas sobre discriminação racial para entender de que maneira gênero influenciam nas respostas.

2. Influência do gênero nas relações raciais

2.1. Sexo e classificação racial

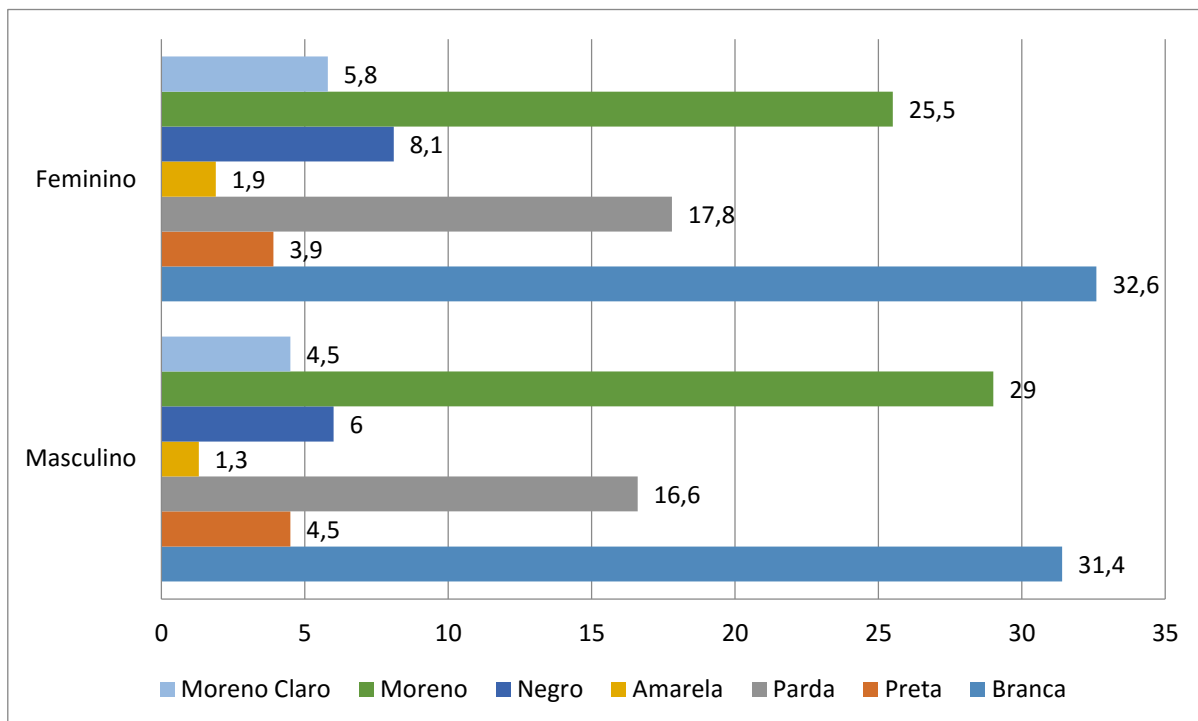
Minha pesquisa se deteve em dados do Datafolha do ano de 2008. No total de entrevistados temos que dos entrevistados aproximadamente 51% são compostas por pessoas que se identificaram com o sexo feminino e 48% de pessoas que se identificaram com o sexo masculino. O primeiro ponto que quero destacar nessa parte são as identificações dos entrevistados. De acordo com os gráficos abaixo temos a porcentagem de auto e heteroclassificação da cor a partir do recorte do sexo:

Gráfico 3: Cor do entrevistado (segundo o entrevistador) -Sexo (%)



Dados do Datafolha 2008

Gráfico 4: Cor do entrevistado (autoclassificação) -Sexo (%)



Dados do Datafolha 2008.

Em relação a homens e mulheres podemos perceber com esses dois gráficos que não existe uma distribuição de identificação desigual. Tanto na identificação feita pelo entrevistador como na identificação feita pelo entrevistado, podemos perceber que entre as pessoas que se consideram do sexo feminino e as pessoas que se consideram do sexo masculino, não existem muitas diferenças. Porém quando colocamos de forma agregada percebemos a diferença entre a os tipos de classificação. A tabela a seguir mostra a resposta em frequência dos entrevistados sobre sua identidade comparando com a classificação dada pelo entrevistador:

Tabela 3:Relação entre autoclassificação e heteroclassificação⁴ (%):

Cor do entrevistado, segundo o entrevistador

<i>Qual é sua cor (segundo o entrevistado)</i>	Branco		Preto		Pardo	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
<i>Branca</i>	66	67,5	1,7	1,8	13,0	10,6
<i>Preta</i>	0,1	0,1	19,5	21	2,5	2,0
<i>Parda</i>	10	9,8	10	11,3	25,6	28,2
<i>Amarela</i>	2,0	2,8	0	0	0,7	1,3
<i>Negro</i>	0	0,8	25,6	35,4	3,2	5,8
<i>Mulato</i>	0,1	0,	1,6	1,3	1,5	1,3
<i>Moreno</i>	13	11,3	31,7	25	43,0	38
<i>Moreno Escuro</i>	0,4	0,	2,1	0,5	1,0	0,7
<i>Moreno Claro</i>	4,7	4,7	2,1	0,9	5,0	8,1
<i>Outras respostas</i>	2,8	2,5	3,7	2,7	3,4	2,9
	556	622	246	220	590	640

⁴ Utilizei as 5 categorias classificatórias utilizadas pelo IBGE: branco, pardo, preto, amarelo e indígena. Além disso, optei por usar a classificação do entrevistador para obter dados mais consistentes às respostas. Para importância de análise me deterei apenas nas categorias branco, preto e pardo.

O que podemos perceber de forma mais detalhada nessa tabela é que mulheres pretas tendem a se classificarem muito mais como negras do que os homens pretos. Interessante notar que dos entrevistados que foram classificados como pretos pelo entrevistador ficaram divididos em três principais categorias: preta, negro e moreno. Outro dado importante está relacionado ao uso das categorias negro e moreno para o sexo feminino e o sexo masculino: os homens pretos se classificam mais como morenos e as mulheres pretas se classificam mais como negras. Além dessa classificação diferenciada ao meu ver aqui temos também uma percepção de cor diferenciada em que os termos negro e preto são mais evitados pelos homens (juntos chegam a 45%) do que pelas mulheres que na verdade preferem se utilizar mais da categoria preto ou negro (56,4%) como forma de identificação.

Em relação aos pardos percebemos que tanto homens quanto mulheres preferem se classificarem a partir do termo “moreno”, porém percebe-se que há uma maior preferência dos homens em se classificarem com o termo moreno do que com o termo pardo. Há uma diferença de mais de 18% entre a classificação parda e morena entre os homens. Nas mulheres essa diferença chega a apenas 10%. As porcentagens detalhadas mostram que homens pretos e pardos preferem a categoria “moreno” como forma de classificação, mais que as mulheres.

O ideal de mistura racial parece assim estar muito mais no homens do que nas mulheres ao preferirem classificações intermediárias como o termo “moreno”. A ambiguidade no processo de classificação em ambos os gêneros dos próprios indivíduos deixa em evidência a importância da ideia de mistura no imaginário social. A ideia da miscigenação amplamente difundida a partir da construção da identidade brasileira no contexto de pós-independência do Brasil⁵ fez com que a ideia da mistura tornasse a nossa identidade muito menos marcada pela ascendência e mais marcada pela cor da pele tornando as identidades de raça e cor muito mais fluidas. Telles ao falar sobre como as classificações raciais no Brasil tem relação com a forma como se pensou a questão racial, se utiliza da ideia de Lívio Sansone sobre a existência de três grandes sistemas de classificação racial no Brasil:

⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 11ª impressão.

Cada um deles emprega diferentes concepções de raça, possuindo um conjunto de categorias que variam em número e grau de ambiguidade, e quando aplicam uma mesma categoria, seu significado pode variar dependendo do sistema. São esses: (1) o sistema dos censos, com suas três principais categorias (branco, pardo e preto) ao longo do continuum; o popular, que utiliza inúmeras categorias, inclusive o termo especialmente ambíguo moreno e o sistema originado do movimento negro, mais novo, que usa apenas os termos negro e branco. (TELLES, p.67, 2012.)

A influência da ideia da mistura das raças está tanto nas categorias populares como também na categoria censitária (a categoria pardo). O movimento negro por sua vez, atenta para uma noção de origem em que pretos e pardos possuem uma mesma origem histórica. Percebemos com esses dados que tanto homens quanto mulheres negras e pardas se utilizam da categoria “moreno” como forma de identificação, com uma participação bem menos das mulheres negras.

2.2.Gênero, Raça, e percepção de discriminação

Nessa parte do artigo proponho trazer questões relacionadas ao racismo que tenha com recorte principal o gênero e raça. A partir dos dados do Datafolha podemos perceber as diferentes percepções de preconceito de cor/raça quando analisamos a resposta dos entrevistados à pergunta: “você alguma vez já sofreu preconceito relacionada a sua cor?”. Percebemos que as respostas quando recortadas apenas pelo dado da cor/raça ou quando colocadas apenas a partir do sexo não se percebe muito a interferência do sexo e da cor dentro dos dados:

Tabela 4: Resposta à pergunta “Você já se sentiu discriminado por causa da sua cor?” segundo sexo do entrevistado –(%):

	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>
<i>Sim</i>	15,1%	15,9%
<i>Não</i>	84,5%	83,7%
<i>Recusa/Não respondeu</i>	0,2%	0,3%
<i>Total</i>	100%	100%

Essa tabela mostra como a sensação de discriminação racial é percebida através de um contínuo de cor junto com sexo, em que a mulher negra é a que mais sente discriminação racial (42,8%) em comparação às outras categorias. Os dados mostram que em relação as mulheres pardas (15,1%) e as mulheres brancas (7,7%) a sensação da discriminação do homem preto (36,9%) é maior mas ainda menor do que a da mulher preta. O homem branco é o que possui o menor índice de sensação de discriminação (apenas 6,6%). Há portanto um escala de discriminação em que se tem mulheres pretas com as que se sentem mais discriminadas e homens brancos como os que se sentem menos discriminados.

Outros dados ainda de acordo com o Datafolha 2008⁶ Além disso os dados também mostram que dentre as mulheres que declararam sentir discriminação em espaços públicos e privados, são as mulheres negras que possuem o maior percentual (55%) contra 12% das mulheres brancas e 31,9% das pardas. No quesito “comentários - comentários maldosos, brincadeiras ou piadas - relacionados a cor” temos um dado diferente do encontrado acima: são as mulheres pardas que sentiram mais esse tipo de discriminação (40%) contra 32% das mulheres brancas e 28% das mulheres pretas. Isso pode informar um tabu para as mulheres pretas em relatar de forma mais direta situações de preconceito relacionados diretamente a cor/raça.

As percepções sobre as relações raciais também perpassam as relações conjugais, sexuais e relacionadas ao prazer. O imaginário da mulher negra como aquela em que existe uma maior sexualidade é por exemplo uma das crenças que levam a situações discriminatórias das mulheres negras de forma geral. A tabela a seguir mostra a distribuição em percentual em resposta à pergunta de quem teria uma melhor desenvoltura sexual:

⁶ DATAFOLHA, INSTITUTO DE PESQUISAS. Racismo Confrontado – 08 e 09 de setembro de 2008. (Banco de dados). São Paulo, 2008. In: Consórcio de Informações Sociais, 2012. Disponível em: www.cis.org.br. Acesso em 24/07/2015.

Tabela 7: Resposta à pergunta “e um modo geral, pelo que você sabe ou imagina, quem é melhor de cama” por sexo e cor do entrevistado (segundo o entrevistador)- (%) :

Cor (segundo o entrevistador)

	Branca		Preta		Parda	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
<i>As brancas</i>	4,3%	3,4%	3,3%	2,3%	3,9%	3,7%
<i>As mulatas</i>	16,7%	5,6%	13,8%	4,5%	18,6%	7,0%
<i>As negras</i>	11,8%	14,3%	19,5%	22,3%	14,2%	17,6%
<i>Não há diferença</i>	60,7%	54,8%	61,7%	54,0%	58,8%	50,2%
<i>Recusa/Não respondeu</i>	0,5%	0,1%	0,9%	0	0,4%	0
<i>Não sabe/não se lembra</i>	4,8%	21,5%	2,8%	16,4%	3,6%	20,6%
<i>Total</i>	100%	100%	100%	100%	100%	100%

O estereótipo da mulher negra como a mais “sexualizada” pode ser percebido nesses dados, quando apesar da maioria dos entrevistados de modo geral dizer que não existem diferenças as mulheres pretas e os homens negros concordam em 22,3% e 19,5% que são as mulheres negras as melhores na cama. Aqui encontramos o preconceito racial e preconceito de gênero ao mesmo tempo dirigido as mulheres negras e a maioria vinda de homens e mulheres negras. A sexualidade da mulher negra e encontra totalmente oposta ao da mulher branca: o corpo da mulher negra, influenciados pelos processos de escravidão possuem marcas de violência sexual em que o corpo é visto como um reprodutor ou como um lugar do prazer.

Em relação ao imaginário do prazer e da sexualidade as mulheres pretas também reafirmam o local herdado em nossa sociedade. Hooks ao falar sobre estupro traz que isso era uma questão primeiramente relacionada as mulheres brancas já que segundo a

autora, as mulheres pretas tinham sua sexualidade pouca levada em consideração. Como a autora coloca:

The designation of all black women as sexually depraved, immoral, and loose had its roots in the slave system. White women and men justified the sexual exploitation of enslaved black women by arguing that they were the initiators of sexual relationships with men. From such thinking emerged the stereotype of black women as sexual savages, and in sexist terms a sexual savage, a non-human, no animal cannot be raped. (HOOKS, p.52, 1982).

O lugar social atribuído historicamente para as mulheres pretas as fazem entender as relações raciais de forma distintas daquelas das mulheres brancas. Além disso o conjunto de estereótipos direcionados as mulheres pretas imprimem na sociedade visões que reafirmam o papel da mulher negra como sexualmente melhor.

Considerações finais

O que podemos concluir com os dados acima colocados é que existe dentro das relações raciais um conjunto de marcadores sociais que influenciam percepções de cor, raça e discriminação racial, Quando olhados apenas pelos dados da raça, não atentamos para as estratificações que envolvem gênero, idade, região, renda e outros dados.

Se no Brasil falar de raça ou de racismo se torna um tabu entender que dinâmicas estão por trás disso é entender de que maneira raça é mobilizada nos diferentes grupos sociais divididos por marcadores como renda, sexo, escolaridade, etc. As diferentes distribuições de cor/raça nas regiões também podem influenciar a forma como as pessoas constroem suas percepções sobre cor e raça. Dentro de um contexto diferenciado que se encontra o Brasil, em que existem diferenças entre brancos e pretos, bem como diferenças entre homens e mulheres no que se refere a dados socioeconômicos, acredito haver também diferença nas formas de identidade e percepção sobre as relações raciais. Os processos de discriminação e preconceito racial daí, são vistos e vivenciados de forma diferentes. O que vimos acima foram apenas alguns dados de percepções de cor, raça e discriminação racial envolvendo divisões de gênero.

Dentro do conjunto de relações raciais, são as mulheres pretas que mais percebem a discriminação racial e são as que possuem, em relação aos homens pretos uma maior estabilidade em se classificar como tal. Talvez o papel associado a mulher preta em nossa sociedade esteja tão demarcado que todas as respostas das mulheres pretas mostravam isso: tanto em relação a classificação, como a percepção de discriminação as mulheres pretas foram as que tinham os maiores percentuais. Em contrapartida os homens são os pretos são os que mais se utilizam de categorias intermediárias como moreno e que dizem não sentir discriminação tanto quanto as mulheres.

As categorias identitárias no Brasil, sempre se deparam com o dilema da mistura na sociedade. Estudo feito por Silva e Leão (2011) mostra que muitos indivíduos que se consideram como na pretos, se veem como indivíduos que sofrem menos o preconceito de cor/raça. O importante de se ressaltar é que apesar das barreias econômicas e sociais serem fortes entre brancos e negros (pretos e pardos), percebemos que barreias simbólicas (como a de sofre discriminação ou preconceito racial) são sentidas de forma diferenciadas entre pardos e pretos. Deixar esse ponto de lado é não conseguir abarcar a complexidade das relações raciais no Brasil. Assim se identificar como moreno na pesquisa e com isso sentir menos discriminação racial é um dado importante quando colocado em contraste com as mulheres pretas que em sua maioria se classificam como pretas e que possuem um percentual forte relacionado a sensação de discriminação por causa da cor.

Referências

DATAFOLHA, INSTITUTO DE PESQUISAS. Racismo Confrontado – 08 e 09 de setembro de 2008. (Banco de dados). São Paulo, 2008. In: Consórcio de Informações Sociais, 2012. Disponível em: www.cis.org.br. Acesso em 15 de julho de 2015.

DAVIS, Angela. *Women, Race and Class*. New York: Vintage Books, 1981 (Capítulo 1, pp. 3-29; Capítulo 9, pp. 137-48; Capítulo 13, pp. 222-44).

Dossiê Mulheres Negras retrato das condições de vida das **mulheres negras** no Brasil. IPEA. 2009. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20978 > Último acesso em 20 de julho de 2015.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. *Racismo e Antirracismo*. São Paulo: Editora 34, 1999.

HERINGER, Rosana. Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 18, supl. 2002. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2002000700007&lng=en&nrm=iso. access on 08 Janeiro de 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2002000700007>.

HOOKS, bell. *Ain't I a Woman? Black Women and Feminism*. London: Pluto Press, 1982 (Capítulo 2, pp. 51-86; Capítulo 4, pp. 119-58).

LEÃO. Luciana T. de Souza, SILVA, Graziella Moraes. *O paradoxo da mistura: Identidades, desigualdades e percepção de discriminação entre brasileiros pardos*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 27 n° 80 outubro/2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n80/v27n80a07.pdf> > Último acesso em 17 de julho de 2015.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/pnad_sintese_2009.pdf > Último acesso em 29 de maio de 2015

Relatório de Características Étnico-raciais da população: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/pcerp_classificacoes_e_identidades.pdf > Último acesso em 20 de junho de 2015, às 19:49.

Retrato das desigualdades de Gênero e Raça. IPEA. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf> > Último acesso em 03 de agosto de 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 11ª impressão.

Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira:

<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2010/default.shtm>>. Último acesso em 29 de maio de 2015.

TELLES, Edward E. *O significado da raça na sociedade brasileira*. 2004. Princeton e Oxford: Princeton University Press. Versão divulgada na internet em Agosto de 2012. Disponível em: < <https://www.princeton.edu/sociology/faculty/telles/livro-O-Significado-da-Raca-na-Sociedade-Brasileira.pdf> > Último acesso em 17 de dezembro de 2014, as 18:11.